

A APLICABILIDADE DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, INCORPORADO AOS TRABALHOS DE CAMPO NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS.

Rodrigo Batista de Oliveira¹

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade elaborar uma análise crítica da utilização dos recursos tecnológicos associados e aplicados à educação no século XXI, que por sua vez acaba por se tornar um paradigma educacional que engloba a criação, descoberta e consciência das instituições e professores de maneira geral, sobre um ambiente de aprendizagem rico em recursos, seja em ambiente escolar ou fora do mesmo, nesse caso através das técnicas de trabalhos de campo, podendo ser utilizado amplamente pelos professores de Geografia em todas as esferas do ensino, desde o fundamental até ao ensino superior, com a perspectiva de associar teoria e prática, contudo o que se observa é que estes trabalhos, por vezes, são realizados de forma planejada transformando em atividade lúdicas sem fins científico, como passeios e excursões, saindo dos moldes de um bom trabalho de pesquisa, no qual os alunos possam ser protagonista do conhecimento, processo de percepção e análise dos fenômenos que os cercam. Assim sendo podemos oportunizar ao educando alicerçar seu conhecimento, de acordo com sua realidade socioespacial e cultural.

Palavras-chave: Educação, Tecnologias, Conhecimentos Geográficos, Trabalhos de Campo.

THE USE OF NEW TECHNOLOGIES IN EDUCATION, INCORPORATED TO FIELD WORKS IN GEOGRAPHICAL STUDIES.

ABSTRACT

The present study has prepared a critical analysis of the use of the associated technological resources and applied to education in the 21st century, which in turn ends up becoming an educational paradigm that encompasses the creation, discovery and awareness of institutions and teachers in general, about a resource-rich learning environment, whether in or outside the school environment, in this case through fieldwork techniques, which can be used widely by teachers of geography in all spheres

¹ Graduado em Geografia (Licenciatura e Bacharelado), especialista em Meio Ambiente e Recursos Hídricos e em Docência no Ensino Superior: Tecnologias Educacionais e Inovação, Mestre em Geografia Física pela Universidade Estadual de Maringá. Graduando do curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professor convidado do curso de Geografia da UNICESUMAR, Centro Universitário de Maringá e Professor de Ensino Médio do Colégio SESI Maringá.

of education, from elementary to higher education, with a perspective of associating theory and practice, however what is observed is that these works are sometimes carried out in a planned way, transforming them into recreational activities without scientific purposes, such as tours and finishing, out of the mold of a good research work, in which students can be the protagonists of knowledge, the process of perception and analysis of the phenomena that surround them. Therefore, we can give the student the opportunity to base his knowledge, according to his socio-spatial and cultural reality.

Keywords: Education, Technologies, Geographical Knowledge, Fieldwork.

INTRODUÇÃO

Perante da expansão do desenvolvimento técnico-científico, que se apresenta para a sociedade atual, se faz necessário o debate acerca dos benefícios dos usos, mecanismos e ferramentas ligadas às novas tecnologias e justapostas a construção do conhecimento no âmbito educacional.

Se torna evidente que a educação brasileira, e especificamente a disciplina de Geografia, se conecta a uma formação educacional, do professor ou aluno, a um determinado momento histórico, em que as informações não apresentavam as mesmas diversidades e influência sobre a sociedade, como atualmente. O resultado dessa lide se reflete em sala de aula, na qual alunos temporais acabam por expurgar professores que não se adequam aos princípios dessa sociedade informatizada.

Diante deste desafio, cabe ao professor moderno contemporizar-se, adequando a essa nova realidade social, trazendo para sala de aula a velocidade da informação de maneira prazerosa, nunca perdendo o foco do objetivo principal, o conhecimento pleno. Compete ao professor de Geografia e as demais áreas fazer reflexões acerca dessa realidade: Qual seria a semelhança existente entre a educação e as novas tecnologias em sala de aula? Qual o papel das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem? Qual a função do profissional da educação antes e depois do desenvolvimento técnico-científico? Como devo proceder, inserir meu aluno às realidades socioambientais da atualidade?

Assim sendo, com objetivo de esclarecer as indagações supracitadas, desenvolveremos um levantamento bibliográfico acerca da importância do estudo do meio por intermédio da análise sistêmica da paisagem, a aplicabilidade das tecnologias na educação e por fim, o papel do Professor de Geografia ou ciências afins no trabalho de campo.

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Atualmente, nas escolas, o conhecimento geográfico centraliza-se basicamente na explanação do professor, sendo as aulas expositivas um dos recursos mais utilizados junto com os livros didáticos. De tal modo, verifica-se a urgência em pensar novas formas e práticas pedagógicas para revalorizar o espaço de experimentação e contribuir na educação formal do aluno, que por sua vez, é delimitado pelos muros das escolas. Espaços esses, de vivência, se caracterizam por uma dualidade, sendo a do mundo interno e externos das unidades escolares, mantendo distante algo que poderiam ter maior pessoalidade e proximidade.

Os modelos arquitetônicos dos ambientes escolares preferencialmente são formados por cores claras, que, na prática, se mostram com ausência de vida e de estímulos visuais, assim, a pobreza estética deixam os estudantes confinados à sala de aula e a falta de perspectivas que os chamem atenção. Por esse prisma percebe-se que se faz necessário transpor as paredes das salas de aulas das escolas que afastam do mundo exterior.

Pensando o espaço arquitetônico escolar como um “palco” onde se desenvolvem a “peça” das relações pedagógicas, em que se amplia ou limita-se suas possibilidades criativas, devemos levar em consideração a seriedade de sair da hierarquia da sala de aula pragmatizada, que repetem os mesmos comportamentos diuturnamente por alunos e professores. O estudo do meio representa uma ruptura entre o aluno e o meio confinante, deste modo, exercitando a percepção por meio dos trabalhos de campo e excursões pedagógicas como ferramentas externas de aprendizagem. De acordo com Lopes e Pontuschka (2010, p. 9),

o estudo do meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para aluno e professores contato direto com uma realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Assim, o estudo do meio é considerado metodologia ativa e interativa por promover um trabalho interdisciplinar. Seu norteador no ensino é construir uma mobilização, a fim de aguçar as percepções e sensações dos alunos no

processo de aprendizagem para resultar na elaboração conceitual.

Ao avaliar que a elaboração conceitual se torna referência norteadora para os profissionais de educação, a construção de conceitos ocorre a partir dos conhecimentos já pré-estabelecido dos alunos, direcionando para a preparação do conceito científico, alcançando, assim, um arranjo didático prático. O êxito do Estudo do Meio depende de um trabalho de planejamento flexível, mas, certamente rigoroso, que envolve a partir do que podemos depreender. Lopes e Pontuschka (2010).

Do planejamento inicial para a execução do estudo do meio é essencial garantir aplicabilidade das etapas, iniciando pela preparação, de suma importância, pois mobiliza o aluno para vivência do conteúdo, estes que podem ser compostos por mapas, fotos e textos específicos. Já a efetividade da atividade incide na observação, descrição e registros das informações acima descrita. A aula expositiva é essencial, pois dará síntese dos resultados e continuidade à atividade pedagógica.

De acordo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 177-178), os objetivos do Estudo do Meio de maneira geral são:

1. consolidação de um método de ensino interdisciplinar denominado estudo do meio, no qual interagem a pesquisa e o ensino;
2. verificação de testemunhos de tempos e espaços diferentes: transformações e permanências;
3. levantamento dos sujeitos sociais a ser contatados para as entrevistas;
3. observações a serem feitas nos diferentes lugares arrolados para a produção de fontes e documentos: anotações escritas, desenhos, fotografias e filmes;
4. compartilhamento dos diferentes olhares presentes no trabalho de campo mediante as visões diferenciadas dos sujeitos sociais envolvidos no projeto;
5. coleta de dados e informações específicas do lugar, de seus frequentadores e das relações que mantêm com outros espaços;
6. emersão de conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares a ser contemplados na programação;
7. produção de instrumentos de avaliação em um trabalho participativo;
8. criação de recursos didáticos baseados nos registros;
9. divulgação dos processos e do resultado.

Seguir os nove procedimentos favorecem a conceitualização, desenvolve e aprimoram a observação espacial do aluno, permitindo uma visão mais aprofundada acerca dos elementos que compõem a paisagem, o Estudo do Meio, procura demonstrar, que não se trata de um momento menor na vida escolar, deve ser parte integrante da grade curricular do aluno e, desempenhar função integradora do trabalho pedagógicos.

ANÁLISE SISTÊMICA DA PAISAGEM

A percepção da paisagem no decorrer da história de cada espaço geográfico, compõe uma forma de se entender as alterações espaciais e as suas nuances para o desenvolvimento humano. Além disso, podem demonstrar características alusivas de cada tempo, uma vez que a paisagem é modificada e alterada pelo homem, em seus respectivos contextos sociais. Este fato é fundamental para compreender a evolução de cada espaço geográfico e, por consequência, as alterações nas dinâmicas das paisagens.

Não obstante a paisagem é analisada e estudada por diversas áreas dos conhecimentos científicos. Para a ciência social ou o economista, a paisagem é o meio na qual o homem, como ser coletivo, a transforma segundo diferentes critérios socioeconômicos. Para o naturalista, como os botânicos e ecólogos, a paisagem, antes de qualquer coisa, é o conjunto de organismos, cujos atributos se explicam de acordo a biota, não obstante, para o geógrafo, a paisagem terá como pressuposto uma análise integrada dos elementos como os bióticos, abióticos e antrópicos interagindo no mesmo espaço.

Deste modo, a paisagem não deve ser analisada unicamente como uma porção do espaço composta de informações estáticas. Para o geógrafo em especial a paisagem se apresenta em forma de mosaico, composto de elementos concretos ou abstratos, visíveis ou invisíveis, onde se materializa as relações instituídas entre o homem e o meio é a expressão máxima do arranjo de todos os elementos existentes no espaço geográfico.

A percepção da paisagem transcende o aspecto visual e apresenta-se numa escala temporoespacial. A sua compreensão não deve se restringir, apenas, a descrição formal e subjetiva dos componentes que a pertence e, muito menos, a relação de causa e efeito. Sua análise pode ser o “start” para a racionalidade de um processo amplo e abrangente englobando a sociedade e a natureza. Para Lima Maria (2006, p. 20).

a paisagem situa-se na “interface” da natureza e da sociedade existindo exclusivamente, mediante o estabelecimento de uma inter-relação/conexão entre as duas esferas, ou seja, na medida em que a natureza é percebida e elaborada pelo homem historicamente, constituído o reflexo dessa reação.

O conceito de paisagem, fora do pensamento academicista se apresenta como montanha, jardins, cidades, vegetações ou até mesmo uma fotografia. Entretanto, a percepção da paisagem está alocada na memória afetiva

do ser humano, antecedendo a própria formulação do conceito. A apreciação destas memórias pode ser localizada nas artes, nas diversas culturas, que retratavam, primeiramente elementos particulares, como animais, um conjunto de montanhas ou um rio. As pinturas rupestres são uma das referências para esta percepção dos componentes do ambiente.

A partir do século XIX, o conceito “paisagem” começa a ser amplamente utilizado na Geografia a partir dos aspectos metodológicos, diferenciando-se a homogeneidade ou heterogeneidade dos elementos que a compunham, em função de sua forma e amplitude, como a paisagem descrita na vegetação, paisagem agrária, paisagem urbana, entre outras.

Sistematizados inicialmente por Sotchava (1963) de origem russo, dizia ser a Paisagem uma dimensão do espaço terrestre onde os diversos componentes naturais se encontram em conexões sistêmicas uns com os outros, interagindo com a esfera cósmica e a sociedade humana. Contudo, antes do século XX a inquietude era aclarar os acontecimentos naturais através das teorias deterministas, possibilistas ou também os métodos regionais.

Assim evidencia-se que a sistematização da ciência da paisagem tem início na Rússia no fim do século XIX, pós Segunda Guerra Mundial. O Rússia necessitava de informações de cunho ambiental sobre grande área territorial, o que foi realizado por meio de trabalhos interdisciplinares. Contudo, o mapeamento dos elementos naturais não foi coeso, tornando o estudo incompleto.

Em meados do século XX, o geossistema tornou-se um pressuposto teórico na nova compreensão de análise da paisagem, coube assim a Sotchava, geógrafo diretor do Instituto de Geografia de Moscou, o mérito da elaboração desse novo modelo, foi quem determinou, de forma precisa, os conceitos de modelos e de sistemas, dentro da ciência da paisagem.

Para Sotchava, o geossistema é considerado um fenômeno natural que inclui todos os elementos da paisagem, territorial e dinâmico, aplicado em qualquer paisagem. Para Lima (2006), o geossistema é formado por elementos abióticos, bióticos, organizados pelo homem. Entre esses elementos, encontram-se as correspondentes zonas de transição denominadas “interfaces”. Troppmais e Galina (2006, p. 81) afirmam que:

o Geossistema é um sistema natural, complexo e integrado onde há circulação de energia e matéria e onde ocorre exploração biológica, inclusive aquela praticada pelo homem. Pela ação antrópica poderão ocorrer pequenas alterações no sistema, afetando algumas de suas características, porém estes serão perceptíveis apenas em microescala e nunca com tal intensidade

que o Geossistema seja totalmente transformado, descaracterizado ou condenada a desaparecer. Infelizmente ao criar o termo "GEOSSISTEMA" Sothava o deixou bastante vago e flexível. Por este motivo vários geógrafos utilizaram e empregaram o termo com conteúdo, metodologia, escala e enfoque diferente.

O geossistema nasce como uma nova opção para execução de pesquisas científicas na Geografia Física, para resolver o grave problema das dualidades desta ciência, que levaram a um distanciamento do seu principal objetivo: a relação natureza e sociedade. A compreensão geossistêmica de Sothava vem dar precisão aos limites entre a Geografia Física e as outras disciplinas da Geografia. Sothava (1963).

O geossistema se estabeleceu como um novo paradigma na Geografia, nas ciências naturais e humanas, contudo, surge, na França, com Bertrand (1968), uma sugestão metodológica para a análise integrada da paisagem e da Geografia física global. De acordo com Bertrand, nos estudos de paisagem existem três paradigmas que orientam: o paradigma descritivo e classificatório; o paradigma genético e setorial e o paradigma sistêmico.

O paradigma descritivo desenvolveu-se a partir do século XVIII e lançou as bases das grandes ciências modernas. O paradigma setorial, para Bertrand (1968), desenvolveu-se a partir do evolucionismo darwiniano e domina o conjunto da pesquisa naturalista. Já o paradigma sistêmico foi amplamente difundido durante a segunda metade do século XX, aplicado de uma maneira diferente, com outra problemática, teorias e objetos próprios.

Os estudos de paisagem devem ser classificados de acordo com uma escala. Para isso, a paisagem carece de categoria de classificação, sendo composta por seis níveis zona, domínio, região e Geossistema, Geofácies e Geotopo. Bertrand (1968). Embora haja uma escala lógica, não há um sentido fixo da dimensão para cada unidade, deste modo, alterando conforme a escala de tratamento do tempo-espaço.

Desta forma, a Geografia contemporânea requer a aplicabilidade com maior frequência do conceito sistêmico em sua dimensão, devido a necessidade de aprofundamento da interação natureza, sociedade e a importância da utilização racional dos recursos naturais. Com a dimensão proporcionada pela análise integrada da paisagem, passou-se a uma mudança qualitativa na ciência geográfica ao possibilitar a modelagem das variantes das estruturas da paisagem.

AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO E APRENDIZADO.

O ensino-aprendizagem de maneira direta ou indireta é um procedimento que sempre esteve presente nos relacionamentos humanos. O desenvolvimento saudável dessa relação está assentado no conhecimento e uso adequado de recursos didático-pedagógicos por parte dos profissionais da educação, pois a educação é fenômeno complexo que emprega a mediação de algum tipo de instrumento complementar como apoio às ações do professor em sua relação direta com os alunos.

A sala de aula pode ser considerada como uma espécie de tecnologia igualmente aplicamos ao quadro negro, giz, livro etc. Já outros materiais, são ferramentas classificadas como elementos tecnológicos que fazem o intermédio entre o conhecimento e o aprendizado. Assim, Cysneiros, (1999, p. 16) diz que:

o fato de se treinar professores em cursos intensivos e de se colocar equipamentos nas escolas não significa que as novas tecnologias serão usadas para melhoria da qualidade do ensino. Em escolas informatizadas, tanto públicas como particulares, tenho observado formas de uso que chamo de inovação conservadora, quando uma ferramenta cara é utilizada para realizar tarefas que poderiam ser feitas, de modo satisfatório, por equipamentos mais simples (atualmente, usos do computador para tarefas que poderiam ser feitas por gravadores, retroprojetores, copiadoras, livros, até mesmo lápis e papel). São aplicações da tecnologia que não exploram os recursos únicos da ferramenta e não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor ou do aluno, aparentando mudanças substantivas, quando na realidade apenas mudam-se aparências.

Frente a essa realidade, ao extrapolar a forma “obsoleta” de organização curricular, coloca-se essa nova dualidade entre a teoria e a prática, oferecendo aos professores condições para o trabalho interdisciplinar, possibilitando a obtenção de uma capacidade técnica e política que permite o docente colocar-se criticamente dentro dos novos conceitos tecnológicos.

Cabe, ao docente, o papel de estar aberto ao processo das reais competências da tecnologia, seus potenciais e limitações para que tenha possibilidade de melhor utilização, para ser explorada a um determinado conteúdo programático; de modo a colaborar para o avanço do processo de ensino-aprendizagem em decorrência de uma inovação das suas práticas pedagógicas e da modificação do aluno como sujeito ativo na construção do

conhecimento, inserindo-o, em decorrência do domínio dessa nova linguagem, na atualidade tecnológica.

Inúmeros termos são utilizados com frequência para fazer alusão ao uso da tecnologia na educação. A terminologia mais comum, *Tecnologia na Educação*, se torna maleável, pois admite fazer referências gerais, incluindo a utilização de quaisquer mecanismos tecnológicos aplicados à educação, como a própria linguagem codificada na fala, escrita, giz, quadro-negro e, atualmente, a televisão, computadores e a internet. De acordo com Junior (2010, p. 87),

as mídias, nós nos referimos hoje, tanto a instituições, como meios impressos, radiofônicos, televisivos, a gêneros (jornais, revistas etc.) ou a técnicas (fax, rádio). Todavia, as definições, para além de sua diversidade, insistem geralmente sobre a finalidade das mídias que implica uma comunicação [...] o equipamento técnico que permite aos homens comunicar a expressão de seu pensamento quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão”. Enfim, as mídias são importantes instrumentos de controle e difusão de conhecimentos. Pelo que vimos, pode-se considerá-las como fontes de controle de quaisquer veiculações seja lá qual for o meio.

Deste modo, não podemos negar que, hoje em dia, a terminologia *Tecnologia na Educação* é utilizada, e quase nunca se emprega o giz e o quadro-negro ou até mesmo livros didáticos e revistas como currículos programáticos. Usualmente, sua expressão centraliza-se nos computadores, que se tornaram essenciais do ponto de vista das tecnologias atualmente, em especial após surgimento da internet e as novas tecnologias da informação. Ainda, de acordo com Junior (2010, p. 88),

num mundo globalizado, objetos como computadores, televisão, telefax, celular e outros permitem conhecer novos horizontes, conhecer culturas e línguas, mercados e regimes de governo; permitem modificar signos e realidades que nos são apresentados [...] dessa forma, é imprescindível que o sistema educacional se envolva com essas tecnologias de forma a criar novas formas de se ensinar.

Nos últimos anos, em decorrência da facilidade na aquisição de eletrônicos, na escola, de maneira geral, tem ocorrido inúmeros problemas em relação ao uso do telefone celular em sala. Segundo alguns educadores, os aparelhos celulares não contribuem com o bom andamento da aula, pois os

alunos fazem uso mais como mecanismo de acesso a redes sociais e ligações do que como fonte de pesquisa. A indagação sobre essa problemática está no fato que a rede social e os aparatos oferecidos aos alunos se tornam mais interessante que a sala de aula, assim, a aula deixa de ser atrativa. De acordo com Silva (2012, p.11),

os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, proibir acaba sendo a forma mais fácil de lidar com o tema. Na verdade, em pleno século XXI, ainda há educadores que são contrários ao uso do celular em sala de aula e tentam justificar o não uso, afinal jamais houve quem os preparasse para tal uso, e isso faz com que tenham uma visão empobrecedora do problema. Assim, os professores se sentem inúteis, evitam o confronto e deixam de assumir novas ideologias frente aos desafios que se agigantam a sua frente. São eles que não querem se render ao novo, novas práticas pedagógicas, fazendo-os manterem uma visão e postura tradicional e em muitos casos autoritária e proibitiva, sendo deveras resistentes em implantar ao adequarem-se em reverter o uso desta tecnologia em seu favor.

Todavia, nos é pertinente pensar que a reclamação do não uso das tecnologias em sala de aula se faz coerente, contudo, quando bem pensadas e utilizadas, podem auxiliar no ensino aprendizagem. O uso das tecnologias hipermediáticas, essa nova concepção, calcada nos modelos digitais, nos possibilita, uma maior produção nas práticas de sala de aula. Assim, segundo Silva (2012, p.12),

atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias; passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasticamente imersos nestes recursos já falam outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com elas". Nesse sentido a utilização do celular na educação não é mais uma opção, mas uma exigência desta sociedade. É imprescindível que o professor vença resistências, pois é um desafio, e vá a busca do conhecimento para que seja competente e atue afinado com as tecnologias, pois, o celular é aquilo que nós fizemos do uso dele, e aqui compreende principalmente professores e alunos.

Justamente o uso adequado das novas tecnologias nos possibilita criar, no aluno, um senso criativo mais rápido e adequado a sua realidade sociocultural. Tornando-os mais ativos a frentes das novas formas metodológicas

a serem aplicadas em sala de aula. Ao inserir o aluno nas práticas pedagógicas de forma ativa, podemos desenvolver o processo de aprendizado que os professores utilizam na busca de direcionar a formação de futuros profissionais nas áreas afins. Morán (2015, p. 17) afirma que:

a maior parte do tempo - na educação presencial e a distância - ensinamos com materiais e comunicações escritos, orais e audiovisuais, previamente selecionados ou elaborados. São extremamente importantes, mas a melhor forma de aprender é combinando equilibradamente atividades, desafios e informação contextualizada. Para aprender a dirigir um carro, não basta ler muito sobre esse tema; tem que experimentar, rodar com o ele em diversas situações com supervisão, para depois poder assumir o comando do veículo sem riscos. As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

A utilização das metodologias ativas pode aguçar o senso crítico e a autonomia do aluno, abrindo os olhos para curiosidade, exercitando suas tomadas de decisões seja de ordem coletiva ou individual, oriundas das diversas atividades efetivas da prática do estudante.

Dentre as Metodologias Ativas, o fundamental é que o professor vivencie o processo e repense a construção do conhecimento, onde a interação e mediação são processos essenciais para que alcance o objetivo principal para o aluno - que é a aprendizagem. Porém, tal transformação pedagógica não deve ocorrer de forma invasiva e hostil nem para o professor, nem para o aluno, evitando, assim, pular etapas, contudo, o educador tem como pressuposto utilizar de novas formas para aguçar a sede pela mudança no aluno. Ainda de acordo com Morán (2015, p. 18);

os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. Os jogos colaborativos e individuais, de competição e colaboração, de estratégia, com etapas e habilidades bem definidas se tornam cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino.

Tanto para o Professor como para o aluno, a opção por uma metodologia ativa deve ser realizada de forma coerente e consciente, pensada e preparada para não tirar do educador a gana do ensinar. Um construtivismo para o ensino-aprendizagem incide em educar para o aluno ser e ter autonomia nas suas escolhas, por meio de inovações metodológicas, utilizada na pesquisa, com a participação dos alunos, como um artifício de aprofundamento dos seus conhecimentos.

Deste modo, podemos dizer que a utilização das tecnologias aplicadas à educação, no século XXI, se tornam um paradigma educacional que conglobera a criação, descoberta e consciência das instituições e professores de maneira geral, sobre um ambiente de aprendizagem rico em recursos, que permite ao educando o alicerce de seu conhecimento, de acordo com sua realidade socioespacial.

O TRABALHO DE CAMPO E O PAPEL DO PROFESSOR

O trabalho de campo se desenvolve basicamente por duas vias: a primeira é formada pelo aluno e a segunda pelo professor, contudo essa relação não deve ser aplicada separadamente, visto que os dois, em conjunto, são fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho.

Assim, o campo deve ser utilizado amplamente pelos professores de Geografia em todas as esferas do ensino, desde o fundamental até ao ensino superior, com a perspectiva de associar teoria e prática, contudo o que se observa é que estes trabalhos, por vezes, são realizados de forma planejada transformando em atividade lúdicas sem fins científico, como passeios e excursões, saindo dos moldes de um bom trabalho de pesquisa, no qual os alunos possam ser protagonista do conhecimento, processo de percepção e análise dos fenômenos que os cercam. De acordo com Lopes e Pontuschka (2010, p. 31),

a pesquisa de campo é reveladora da vida, ou seja, por meio dela pretende-se conhecer mais sistematicamente a maneira como os homens e as mulheres de um determinado espaço e tempo organizam sua existência, compreender suas necessidades, seus desejos, suas lutas com vitórias e fracassos. Assim durante o trabalho de campo, educadores e educandos deve submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com espaço e, nas condições de pesquisadores, com eles mesmos. É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na inter-relação de processos naturais e sociais.

Para que ocorra o ensino-aprendizagem de maneira prática, o trabalho

de campo se consolida como uma ferramenta fundamental do ponto de vista pedagógico; tem como principal intuito permitir aos estudantes a vivenciar a prática das circunstâncias que, muitas vezes, são trabalhadas apenas em sala. Desta maneira, a prática pedagógica desenvolvida no campo possibilita um amplo aproveitamento dos conteúdos estudados.

Deste modo, o trabalho de campo é entendido como toda atividade de investigação e exploração que aconteça fora do âmbito escolar, é um tipo de atividade muito bem recebida pelos alunos, pois oferece ao aluno a possibilidade de sair da rotina escolar tornando-se um instrumento didático-pedagógico de suma importância para Geografia. Ainda nessa premissa, o professor tem o papel de estimular a curiosidade do aluno por meio da percepção tempo-espaço do mundo e seu papel como indivíduo dentro deste contexto. As ideias, teorias e a própria realidade é enxergada por um ângulo não visto anteriormente. De acordo com Silva (2010, p. 2),

o plano de estudo formulado pelo professor cujo objetivo é a interação do aluno com o conhecimento precisa ser acessível e ao mesmo tempo eficiente para pôr em prática a curiosidade e dela poder saciar-se. Os alunos precisam conscientizar-se de que a aula de campo deve ser feita em conjunto. Partindo de que o indivíduo é único e que o seu olhar para o objeto representa um diferencial que pode ser administrativamente trabalhado sobre as reflexões a serem epistemologicamente resolvidas.

O planejamento do professor no trabalho de campo faz toda a diferença, pois por meio dele e o estudo em loco, possibilita o aluno conseguir distinguir a teoria na prática e, ainda, dentro do seu cotidiano. Por fim, o campo deve ser delineado com antecedência pelo professor (único responsável) para não se tornar meramente um passeio turístico, ou apenas uma forma do aluno sair da sala de aula - é preciso que dentro do campo todos assumam seu papel, tanto o professor quanto o aluno.

RESULTADOS FINAIS

A busca do novo entendimento da realidade existente nas salas de aula do século XXI e o papel do professor frente a esses novos desafios foi a base da nossa inquietude no início deste trabalho. Uma vez que a sala de aula deve ser considerada como uma espécie de tecnologia aplicamos, igualmente, ao quadro negro, giz, livro etc. Já outros materiais, são ferramentas classificadas

como elementos tecnológicos que fazem o intermédio entre o conhecimento e o aprendizado, principalmente do novo aluno do século XXI.

Foi observado que, nas escolas, de maneira geral, o ensino da geografia, frequentemente se centraliza apenas na fala do professor em aulas expositivas, os recursos mais utilizados são os livros didáticos. Assim, verificou-se a urgente necessidade em pensar novas formas e práticas pedagógicas para revalorizar o espaço de vivência e colaborar na educação do aluno. Envoltos pelos muros da escola, os espaços de convivência se caracterizam como uma distinção entre essa dualidade: o mundo externo extremamente interessante e intrigante e o mundo interno obsoleto, triste, arriscando manter distante algo que poderiam ter maior proximidade.

Na nova perspectiva de uma educação inovadora, a partir do século XIX, o conceito “paisagem” começa a ser amplamente utilizado na Geografia a partir dos aspectos morfológicos, diferenciando-se a homogeneidade ou heterogeneidade dos elementos que a compunham, em função de sua forma e amplitude, como a paisagem descrita na vegetação, paisagem agrária, paisagem urbana, entre outras.

Todas essas características paisagísticas à serviço do professor possibilitam o aluno ver o mundo externo com mais interesse. Deste modo, o trabalho de campo deve ser utilizado, amplamente, pelos professores de Geografia, nas esferas do ensino desde o fundamental até ao ensino superior, com a perspectiva de associar teoria e prática, abrindo novas possibilidades e aplicabilidade para o aprendizado da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

BETRAND, G. Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique. **Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest**. França, v. 39, n. 3, p. 249-272, 1968.

CYSNEIROS, P. C. Novas tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? **Revista Informática Educativa**. v. 12. n. 1. p. 11-24. Colômbia. 1999. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/doutorado/ptic/textos/articles-106213_archivo.pdf>. Acesso: 01 jun. 2020.

JUNIOR, M. A. O; SILVA A. L. Novas tecnologias na sala de aula. **Revista ECOM**. v. 1, n. 1, 1999. jan./jun. Lorena. 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eecom/article/viewFile/243/202>>. Acesso em: 15 set. 2019.

LIMA MARIA, I. F. **Paisagem, Terroir e Sistemas Agrários: Um Estudo em São Lourenço do Sul.** 2006. 153 f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Econômicas do rio Grande do sul (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

LOPES, C. S; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do meio: fundamentos e estratégias.** Maringá: Editora eduem, 2010.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas.** Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. v. 2. PROEX/UEPG, 2015. Ponta Grossa. 2015.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. G. **O do aparelho celular em sala de aula.** 2012. 50 f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2012. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/midias/files/2016/04/O-USO-DO-APARELHO-CELULAR-EM-SALA-DE-AULA-MARLEY-GUEDES-DA-SILVA.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.

SOTCHAVA, V. B. **Introducción a la teoria de los geossistemas.** Novo Sibersk: Nauka, 1963.

TROPPEMAIS T. H; GALINA, M. H. Geossistema. **Revista de Geografia da UFC,** Fortaleza, v. 5, n. 10, p. 79-89, jul./ dez. 2006. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/69/44>>. Acesso em: 14 set. 2019.